

PROGRAMA ALFA: UM CURRÍCULO DE ORIENTAÇÃO COGNITIVA PARA AS PRIMEIRAS SÉRIES DO 1º GRAU INCLUSIVE CRIANÇAS CULTURALMENTE MARGINALIZADAS VISANDO AO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.*

ANA MARIA POPPOVIC**

Um dos grandes problemas enfrentados atualmente pelas autoridades educacionais encontra-se na 1ª série do 1º grau, quando tem início o processo de alfabetização. As altas taxas de repetência e evasão indicam claramente a gravidade do problema.

As várias causas desse fracasso maciço na aprendizagem têm sido apontadas por inúmeras pesquisas, e situam-se num e noutro dos dois pontos mais vulneráveis encontrados na sala de aula: o aluno e a professora.

Por um lado, o aluno — proveniente, em sua maioria, de ambientes econômica e culturalmente desfavorecidos, que não têm possibilidade de lhe proporcionar a estimulação e o treinamento necessários a um bom desenvolvimento global — chega à idade escolar sem condições de cumprir o que a escola exige dele.

Por outro lado, a professora — pertencendo a um sistema escolar em geral pobre, carente de material didático, e desamparada de recursos técnicos e de possibilidades de aperfeiçoamento — defronta-se com essa massa de alunos despreparados, aos quais deve alfabetizar e ensinar os conceitos que compõem o programa escolar de 1ª série. Considerando o país como um todo, 30% do professorado têm apenas 3 ou 4 anos de escolaridade. Nunca frequentaram um curso de formação de professoras, nunca receberam treinamento profissional, e se estão no cargo é porque, apesar de tudo, são as pessoas mais qualificadas para isso na região em que atuam. No momento, em alguns Estados do Brasil, 86% das professoras das escolas de classe única são leigas. Essas professoras são praticamente obrigadas a

deixar grande quantidade de crianças para trás, uma vez que trabalham de forma relativamente intuitiva sem ter recebido o treinamento e ensino necessário para saber o que está acontecendo com a criança naquele preciso momento da aprendizagem, enquanto elas lhes transmitem o que mandam as cartilhas.

A solução ideal para estes problemas só poderia ser conseguida atacando-se em profundidade esses dois pontos. De uma parte, poderia ser oferecido à criança um atendimento pré-escolar nos anos que antecedem sua entrada na escola, com a finalidade de suprir as deficiências que se instalam durante essa etapa, dando-lhe assim a possibilidade de desenvolver uma capacidade de aprendizagem satisfatória, quando de seu início na escolaridade fundamental.

De outra parte, poderiam ser atendidas as inúmeras falhas do sistema escolar, tanto administrativa como pedagogicamente e, principalmente, deveria haver uma reformulação no que se refere aos programas de formação de professores, dando-se especial atenção ao nível de 1ª série do 1º grau, onde evidentemente se situa o maior estrangulamento do sistema.

Mas essas soluções são complexas e dispendiosas, especialmente em se tratando de atendimento em nível nacional. É necessário, por isso, encontrar soluções que, embora não sejam as mais perfeitas e adequadas, contenham possibilidades de minorar o grave problema de repetição maciça em nível de 1ª série.

CARACTERÍSTICAS DO PROGRAMA ALFA

Partindo dessa colocação, e com base nos resultados obtidos por uma pesquisa executada por membros da presente equipe em anos anteriores¹, iniciou-se o desenvolvimento do Programa Alfa.

* O Programa Alfa está sendo editado pela Divisão de Educação da Abril S.A., e seu desenvolvimento, nas várias etapas, contou e conta com a colaboração de uma equipe coordenada por Ana Maria Poppovic e composta por Yara Lucia Esposito, Marta W. Grosbaum, Lia Rosenberg, Teresa Roserley Neubauer da Silva, Maria Inês Silveira Bueno, Maria Laura Puglisi Barbosa Franco, Aparecida H. Gradin, Alba Marina Munaro Schlesinger.

** Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

¹ Poppovic, Ana Maria et al. "Marginalização Cultural: subsídios para um currículo pré-escolar" *Cadernos de Pesquisa*, nº 14, set. 1975.

Várias características diferenciam o Programa Alfa dos currículos oferecidos comumente em nosso meios. As mais marcantes são as seguintes: a) o programa destina-se concomitantemente à professora e ao aluno; b) tem a duração de três anos; c) abrange toda a programação das três primeiras séries bem como fornece todo o material necessário às classes. Atua de maneira horizontal e vertical; d) destina-se com ênfase especial à criança sem recursos.

- a) Em primeiro lugar, o Programa Alfa é uma obra organizada com a mesma ênfase *para o aluno e para a professora*. Isto significa não apenas que existem diferentes materiais destinados a um e a outro, como, principalmente, que toda a elaboração do Programa Alfa foi feita tendo em mente um treinamento em serviço da professora para satisfazer às necessidades de aprendizagem de um aluno despreparado.
- b) Outra característica distintiva deste programa é a sua *duração de três anos letivos*: três anos em que, idealmente, a mesma professora acompanha a classe e os resultados são exigidos apenas ao fim desse período. Por que três anos? poderá perguntar-se alguém acostumado à antiga divisão em 4 + 4 anos do atual primeiro grau. A resposta é simples e vários argumentos a respaldam.

As atuais estatísticas mostram que a permanência média, na escola, da criança repetente é exatamente de três anos, após os quais se dá a evasão. Isto significa que a criança esquentava os bancos da 1ª série, marginalizada do processo durante três anos consecutivos, findos os quais é retirada da escola pelos pais que, sabiamente, entendem ser ela mais produtiva no trabalho, ou cuidando dos afazeres domésticos em sua própria casa. Muito provavelmente esta criança foi julgada incapaz de aprender logo aos primeiros dois ou três meses de permanência no primeiro grau, por uma professora pressionada pela preocupação em promover: este diagnóstico intuitivo a colocou à parte do grupo que recebia ensino e para o qual havia boas previsões de promoção para a 2ª série. Assim permaneceu durante todos os meses restantes da 1ª série e nos dois anos seguintes, como repetente.

Se a esta criança e a esta professora dá-se a chance de mais tempo para aprender e ensinar, e para se conhecer; e se, ao mesmo tempo, se fornecem materiais e técnicas de ensino adequadas, orientação quanto aos métodos e às didáticas mais apropriadas — o panorama pode resultar completamente diverso.

Para a criança, haverá a possibilidade de sucesso na aprendizagem, devido à elasticidade do tempo disponível, que lhe permite um ritmo mais pessoal e não exige resultados no ritmo pressionado do atual sistema. Os conteúdos das três séries

serão diferentes e a sua participação e seu interesse se verão motivados por assuntos que vão-se adequando à sua idade crescente. A maneira atual de fazer uma criança refazer as mesmas tarefas e os mesmos conteúdos durante vários anos pressupõe que a insistência e a repetição, em qualquer assunto, são a chave do sucesso da aprendizagem. Não é o que acontece.

Para a professora, o sistema de acompanhar a mesma classe durante três anos tem vantagens muito grandes. A primeira é que o Programa Alfa é um programa de treinamento em serviço e, portanto, a possibilidade de exercitar, durante três anos consecutivos, a prática dos princípios e da didática próprios deste currículo é de grande benefício para a consecução de bons resultados. A professora adquire as novas formas de ensino na primeira série, fixa-as na segunda e maneja-as com total segurança na terceira série, pois, apesar de serem bem diversos os conteúdos das três séries, os princípios norteadores do Programa Alfa mantêm a nova linha didática implantada, no decorrer de toda a programação.

Além dessa vantagem, que se refere ao treinamento da professora, existem os benefícios que a professora extrai do tempo de que dispõe para, sem pressões de qualquer tipo, conhecer as crianças, para diagnosticar suas fraquezas e suas forças e para poder trabalhar com esses elementos a fim de chegar a bom termo no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados lhe serão cobrados ao final da 3ª série e não após apenas alguns meses, como acontece atualmente.

Finalmente, o último argumento refere-se ao fato de que os três primeiros anos de escolaridade constituem uma unidade natural. O agrupamento das oito séries de 1º grau se daria em três grupos compostos de: o primeiro, crianças de aproximadamente 7 a 9/10 anos nas três primeiras séries; o segundo, da quarta à sexta série, incluindo jovens de aproximadamente 10/11 anos até 12/13 anos; e, finalmente, os adolescentes da sétima e oitava séries abrangendo as idades desde 13/14 a 14/15 anos.

A constituição desses grupos obedece a uma lógica que responde tanto a necessidades psicológicas e educacionais, como também administrativas. As necessidades psicológicas são facilmente comprováveis, se consultada a psicologia do desenvolvimento, segundo a qual crianças de 7 a 9 ou 10 anos possuem características psicológicas semelhantes que permitem uma unificação de diretivas, de orientações educacionais e de técnicas e motivações para o ensino e a educação em geral. O mesmo se dá com os dois outros grupos propostos, tanto no estágio da puberdade como na fase da adolescência.

Do ponto de vista educacional ou, melhor, dos objetivos do ensino, esta divisão é muito evidente. No primeiro grupo, nas três primeiras séries, a criança deve receber e assimilar firmemente os instrumentos das aprendizagens futuras, que são a leitura e a escrita, e, mais ainda, uma certa capacitação para pensar e aprender. No segundo grupo, constante da 4ª, 5ª e 6ª séries, os conteúdos poderiam assumir papel de maior preponderância e, finalmente, na 7ª e 8ª séries, dar-se-ia a introdução vocacional preconizada pela última reforma do ensino. Instrumentação, conteúdos e profissionalização ou escolha vocacional seriam as etapas consecutivas do ensino elementar.

Do ponto de vista administrativo, finalmente, é fácil perceber as vantagens que podem decorrer desta divisão. A flexibilidade advinda das diferenças de organização de cada um dos três grupos etários traz vantagens para a situação escolar como um todo e até mesmo possibilidades de novas soluções para situações que, com a reforma implantada, ainda não forem resolvidas a contento.

- c) A terceira novidade incluída neste programa é sua característica de *abrangência horizontal e vertical*. Por um lado, o programa abrange horizontalmente *todas* as atividades que uma professora deve dar na sala de aula: toda a programação está coberta, desenvolvida, tratada e discutida para a professora transmitir a seus alunos. Por outro lado, cada área da programação cresce verticalmente desde o início da 1ª série até o fim da 3ª.

Desta forma, a professora das três primeiras séries, que é uma só para todos os assuntos, receberá orientação unificada sobre a maneira de ensiná-los, de forma tal que cada noção acrescentada vai reforçar, na mesma direção, as noções já adquiridas. Este reforço tanto funciona para a aprendizagem das crianças, como para o treinamento das professoras.

- d) Apesar de ter sido pensado para a *criança culturalmente marginalizada* e sua professora, o Programa Alfa não exclui a possibilidade de ser usado por uma professora muito bem amparada quanto a preparo e a recursos, bem como com crianças que não

possuam carências substanciais. Ele segue a programação e as exigências oficiais, permitindo que uma criança continue depois dos três anos em uma programação comum. Pela base que recebeu, especialmente pela orientação cognitiva que dirige o programa, esta criança estará bem preparada para continuar os estudos desejados.

Por ser fundamentalmente destinado à criança brasileira carente de recursos, supõe-se que ao governo caberá distribuí-lo gratuitamente às escolas da rede oficial. Por esse motivo, todo o material

foi pensado com finalidade de obter-se a maior durabilidade e de garantir a maior eficiência educativa, do modo mais econômico possível. Parte do material que forma o Programa Alfa é consumível, porém grande parte é permanente e destinado a enriquecer o estoque de materiais, tão modesto em nossas escolas. O aluno que a ele for submetido receberá gratuitamente todo o material de que vai fazer uso para o ano letivo, com exceção apenas do lápis e da borracha.

METAS PARA O ALUNO

A pesquisa acima citada deixou bem claro que, à criança proveniente de lares desprovidos de recursos, faltam elementos fundamentais para que se possa alfabetizar com sucesso na escola.

Contrastando uma criança culturalmente marginalizada com outra de classe média — que usualmente não fracassa na escola — verifica-se que, desde o nascimento, esta última recebe alimentação adequada, estímulo e experiências variadas. Conhece lugares diferentes, comunica-se com pessoas que a ouvem e lhe respondem, é corrigida quando fala ou raciocina errado, é levada a planejar certas atividades, é acostumada a esperar recompensas mais tardias porém mais valiosas, e assim por diante. Tal treinamento, o chamado “currículo oculto”, responsável pela boa realização escolar da criança, não costuma ocorrer nos lares economicamente desfavorecidos.

Embora a ausência do “currículo oculto” não possa ser indicada como causa central do fracasso escolar dessas crianças, uma vez que este depende de fatores sócio-políticos mais amplos, é, sem dúvida, um dos fortes elementos que diferenciam uma criança de classe média de outra, culturalmente marginalizada.

Devido ao interesse do Programa Alfa em se adequar à maioria das crianças brasileiras, porém sempre levando em consideração a existência da criança com maiores dificuldades, decidiu-se organizar uma programação que começasse satisfazendo às necessidades e às falhas das crianças mais carentes, cabendo aos professores de grupos melhor aquinhoados a adaptação do programa para seus alunos provenientes de lares de classe média.

Por este motivo, cuidados muito especiais foram tomados na definição do que realmente era necessário fornecer às crianças de menores recursos, as quais, pensando com pessimismo, poderiam permanecer apenas três anos na escola. Três anos de educação escolar é um tempo muito curto, especialmente considerando que estas crianças nunca tiveram pré-escola e em geral faltam muito às aulas.

Resolveu-se então, como anteriormente dito, definir o período das três primeiras séries abrangidas pelo Programa Alfa, como o período de instrumentação.

Entendeu-se por instrumental básico que a escola daria à criança um firme, acabado e completo domínio das técnicas de ler e escrever, através do qual se permitiria a esta criança continuar sua escolaridade com eficácia ou, no caso do abandono da escola, levar consigo, para o mundo dos adultos, uma capacitação útil como cidadão alfabetizado.

Como a maioria das crianças não teria preparo para receber a alfabetização propriamente dita, organizou-se um período introdutório que antecede, prepara e capacita a criança à assimilação dos conceitos e operações mentais posteriores, tanto no que se refere à alfabetização, como também à matemática. Porém, a alfabetização não é a meta mais importante a ser alcançada por este programa. A alfabetização é apenas uma técnica, um instrumento, que tem que ser manipulado adequadamente para exprimir alguma coisa. Atrás da mão que escreve e do olho que lê, deve haver um cérebro que pensa. Como já foi dito, este currículo tem uma orientação cognitiva: pode-se então facilmente perceber a importância que, na etapa da instrumentação, foi dada à aquisição, por parte da criança, de uma capacidade crescente de raciocínio, de pensamento crítico, de capacidade de solucionar problemas e de questionar situações.

Como parte desta etapa da instrumentação, foram ainda incluídas determinadas atitudes, motivações e desenvolturas (por exemplo, no uso da linguagem). Finalmente planejou-se incluir na programação a ser dada às crianças, principalmente àquelas que abandonam a escola depois dos primeiros anos, uma seleção da capacitação às quais se chamou "habilidades de sobrevivência". Estas seriam a base daquilo que uma pessoa adulta, em nosso meio, precisa conhecer e possuir para ter uma chance de melhorar suas condições de vida e as de sua família. Evidentemente não se pretende que a criança de 9 ou 10 anos possua a competência total que seria própria do adulto nessas áreas, porém pretende-se que a escola inicie a criança em uma série de pré-requisitos que são indispensáveis para a aquisição futura dessa capacitação.

A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA

O Programa Alfa oferece a instrução e os materiais necessários para que qualquer professora possa levar a bom termo seu trabalho. Deseja-se atender, também, à professora que não está sendo amparada pelos recursos que promoveu o aperfeiçoamento de sua colega mais bem aquinhada, como sejam os cursos de especialização, bibliotecas, supervisão, recebimento de materiais, etc..

Assim, o problema mais sério a ser enfrentado foi a formação precária no que diz respeito à teoria e à técnica para ensinar a ler e escrever, recebida nas escolas de habilitação para o magistério. Infelizmente, os programas dessas escolas consideram o processo da alfabetização apenas como mais um, entre os muitos assun-

tos que a futura professora tem que aprender, ignorando totalmente as complexidades desse processo. Enquanto em outros países a alfabetização e seus problemas constituem tema de cursos de especialização, exigidos para que a professora possa encarregar-se de crianças nesse estágio de desenvolvimento escolar, a grande maioria das professoras brasileiras sai da escola normal sem ter recebido uma explicação suficientemente clara sobre o que vem a ser alfabetização. Sabe, em geral, aplicar na prática um ou outro método que lhe foi ensinado na escola, mas não sabe o que é o processo, o que são os mecanismos envolvidos, quais as operações cognitivas necessárias para uma criança se alfabetizar. Assim, quando adota um método ou cartilha, não está preparada para acompanhar o processo interno da aprendizagem dos alunos e, evidentemente, não consegue diagnosticar onde está o problema daqueles que começam a fracassar.

A solução encontrada pelo Programa Alfa para tentar solucionar estes problemas (da mesma forma como se fez em relação aos alunos), foi fornecer tudo o que a professora mais despreparada pudesse precisar. Para aquela professora que possui outros recursos, sugere-se o uso da sua criatividade e de seus conhecimentos para melhorar e enriquecer a programação existente.

Basicamente, o programa oferece às professoras o que muito adequadamente poderia ter sido chamado o "livro dos por quê" e o "livro dos como". Isto significa que, se por um lado existe uma orientação bastante diretiva e completa ensinando *como* devem ensinar, por outro lado explica-se o *por quê* de tudo o que estão fazendo. Desta forma, os princípios teóricos e os passos da aprendizagem são entendidos pela professora e a esclarecem sobre o que está acontecendo, à medida que executa os passos didáticos indicados.

Com esta orientação, pretende-se que as professoras adquiram um aperfeiçoamento real através de conhecimento do processo e não apenas uma visão superficial do conteúdo ou da técnica, como é feito usualmente.

A criatividade de cada professora não é anulada, pois existe ampla possibilidade de usá-la a partir de todo o material existente. Uma pessoa criativa será ricamente estimulada pelas possibilidades apresentadas, ao passo que uma pessoa que não possui forte criatividade terá à sua disposição todos os elementos para levar a bom termo a aprendizagem da criança, sem para isso estar pendente de uma boa idéia que no momento não lhe ocorre. Desta forma, professoras que tiveram possibilidades desiguais de preparo anterior ou de acesso à facilidades atualmente encontráveis nos grandes centros, poderão de igual modo conduzir a bom termo todo o processo de aprendizagem compreendido no Programa Alfa.

PRINCÍPIOS NORTEADORES

Permeando todas as atividades desenvolvidas pelo Programa Alfa, encontram-se princípios que resumem a posição teórica subjacente à construção do material e à didática utilizada. São eles que caracterizam a direção educacional do Programa. Esses princípios podem ser assim enunciados:

1 — Levar em consideração o meio ambiente e as características que servirem de base para a definição da pessoa do aluno e da sua família, sejam estas psicológicas, sociais ou culturais, atentando para que o programa ofereça, dentro das possibilidades, soluções adequadas à nossa realidade. Um programa como este, com a pretensão de poder ser usado por todas as crianças do Brasil, nunca obteria bons resultados a não ser exercendo um respeito pela diversidade cultural existente em nosso país, e propondo-se um auto-policimento constante para não aceitar, sem críticas, as soluções mais fáceis provenientes de modelos adequados a outros países.

2 — Enfatizar o processo da aprendizagem muito mais que o conteúdo — isto é: aprender a aprender é muito mais importante do que aprender determinadas coisas. Dessa forma, serão necessariamente desenvolvidos tanto a habilidade de solucionar problemas, quanto os comportamentos de tomada de decisão, capacidades indispensáveis para o desenvolvimento intelectual desejado.

Um aluno cujas habilidades cognitivas estão bem desenvolvidas é aquele que sabe que possui várias aprendizagens úteis à sua disposição. Ele tem consciência de sua habilidade para aplicar os conhecimentos que possui. Quanto mais sabe e tem consciência do que ele mesmo aprendeu (aprendizagem autossuportada), maior a probabilidade de ver a si mesmo como capaz de aumentar sua aprendizagem.

3 — Estimular por todos os meios o enriquecimento da linguagem, ou seja, a capacidade de comunicação livre, pois a habilidade para verbalizar é fundamental para o desenvolvimento da capacidade de raciocinar.

Nessa perspectiva, a linguagem foi usada como instrumento vital para a aquisição de novas aprendizagens, organização dos processos mentais, cognição e planejamento de atitudes e comportamentos.

4 — Desenvolver o autoconceito positivo na criança, de modo a permitir-lhe, ao lado da necessária motivação para aprender, a aquisição de um comportamento independente que seja autoconhecido, habilitando-a a manipular as situações com que se defronta.

Para as crianças em geral e, mais especificamente, para as crianças culturalmente marginalizadas, a maneira mais eficiente de motivá-las é construir sua auto-imagem positiva. Como essas crianças, em sua maioria, não nasceram vencedoras, a construção do autoconceito positivo é apoio indispensável para a aquisição do comportamento independente desejado.

O MATERIAL

O Programa Alfa, como já foi relatado, é composto de três etapas. Alfa-Um, Alfa-Dois e Alfa-Três. No momento deste relato, Alfa-Um está pronto e em aplicação em vários Estados do Brasil, Alfa-Dois e Alfa-Três estão, em diferentes estágios, sendo elaborados e editados, para implantação nos anos vindouros. Desta forma, será descrito com detalhe o material que compõe Alfa-Um, havendo apenas algumas referências aos materiais de Alfa-Dois e Três por não estarem ainda totalmente definidos.

O Programa Alfa-Um é um conjunto de materiais integrados e sequenciados que pretende, como foi dito, permitir à professora dar a programação completa do ensino da 1ª série a alunos de qualquer nível sócio-econômico, em qualquer região do país. Cada conjunto compreende:

a) Material da professora

— um livro contendo, em termos simples, a explicação teórica dos conteúdos desenvolvidos no Programa Alfa, bem como os princípios norteadores do currículo e as bases sobre as quais o programa foi construído. Esse livro, *Cartas a uma professora*, apresenta os “por quê” do Programa Alfa;

— um manual, em dois volumes, com instruções específicas e detalhadas sobre o desenvolvimento de cada atividade. As atividades que compõem um dia de aula formam uma unidade. O livro *Unidades para a professora* ensina, em 150 modelos de aula, os “como” do Programa Alfa;

— réplica do material concreto dos alunos: um jogo de barrinhas de plástico, um suporte para letras para ser fixado no quadro-de-giz, um jogo de letras para formar palavras e frases nesse suporte;

— um jogo de cartazes coloridos para apoio de alfabetização e desenvolvimento da linguagem.

b) Material para os alunos

— dois cadernos com exercícios para a fase introdutória, planejada em função das necessidades que antecedem e preparam tanto o início da alfabetização como o de raciocínios matemáticos;

— cartões ilustrados com histórias para colocar em seqüência temporal e desenvolver a linguagem;

- dois cadernos com exercícios de Matemática;
- um caderno quadriculado para exercícios de Matemática;
- um jogo de barrinhas de plástico, em dez tamanhos diferentes, para a aprendizagem da Matemática;
- um caderno pautado para o registro das palavras e frases formadas pela criança;
- material concreto de alfabetização, constituído por um conjunto de 80 sílabas impressas em pequenas fichas retangulares de plástico flexível, um arquivador de plástico com lugar para cada sílaba e um suporte para a criança compor as palavras e frases com as fichas de sílabas.

O material de alfabetização adotado foi a solução encontrada para resolver o problema das diferenças semânticas regionais, uma das dificuldades para a elaboração de um currículo que atenda às necessidades do país todo.

Para ensinar a ler e escrever, é preciso usar palavras. Pelo fato de não se desejar impor padrões de linguagem de São Paulo, e pelo fato dos resultados de um levantamento feito terem confirmado a inexistência de um universo vocabular brasileiro que satisfizesse às necessidades do programa de alfabetização, tornou-se necessário encontrar uma solução própria.

Esta foi muito satisfatória porque, além de respeitar essas condições, contribui para uma boa motivação, para o desenvolvimento do auto-conceito e a abordagem concreta que o programa desejava para o ensino da leitura. Com o material que recebem, as crianças constroem suas próprias palavras e frases — e é a partir dessas sugestões dadas pelos alunos que a professora desenvolve cada lição.

Os materiais de Alfa-Dois e Alfa-Três foram, basicamente, planejados segundo a mesma orientação. Existe, para a professora, o livro teórico, de onde retira o apoio e a compreensão, daquilo que lhe é pedido que

faça nos manuais de aplicação. Portanto *Cartas e Unidades* para a professora fazem parte também de Alfa-Dois e Alfa-Três. O material dos alunos vai perdendo as características bem concretas que tinha na primeira série, porém ainda se conserva bastante material manipulável na segunda série, até quase não ser mais necessário na terceira série. Existem materiais e técnicas específicas para satisfazer às assim chamadas “habilidades de sobrevivência”, bem como às exigências do currículo normal, porém dá-se grande ênfase aos meios de adquirir conhecimento e aos materiais que a isto conduzem.

O TESTE

Alfa-Um foi submetido à avaliação formativa durante o processo de sua elaboração. Para tanto, foram agrupadas, numa classe de escola pobre da periferia de município vizinho a São Paulo, as crianças provenientes das famílias de nível econômico mais baixo que procuraram a escola. Durante todo o ano letivo, essa classe ficou sob a responsabilidade da equipe executora deste trabalho, fornecendo constante “feedback” sobre a adequação ou não do material e da didática proposta. Além da professora encarregada da classe, havia diariamente um observador qualificado, cuja função era testar as diversas etapas, maneiras de apresentação e linguagem, bem como adequação de formas, coloridos, tamanhos, durabilidade e aceitação de cada tipo de material. A seqüência das Unidades também foi objeto de teste, uma vez que a ordem de dificuldade crescente é uma das condições que facilitam a aprendizagem. A partir dos resultados desta avaliação, os materiais e a programação foram sendo modificados até alcançarem a eficiência desejada.

Atualmente, Alfa-Dois está em elaboração e também em avaliação. Há planos bem concretos e praticamente uma possibilidade já quase acertada de se fazer uma avaliação somativa de Alfa-Um, em um dos Estudos onde está sendo atualmente aplicado. Os resultados desta avaliação serão objeto de um próximo artigo.

[Recebido para publicação em abril de 1977]